
V CBEO - Curitiba



V CONGRESSO BRASILEIRO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS
Curitiba-PR - Brasil

PSICOLOGIA POSITIVA NO DIVÃ: REFLEXÕES SOBRE O SUJEITO NAS ORGANIZAÇÕES NA
CONTEMPORANEIDADE

Jéssica Pereira de Mello (UFRGS) - jessica.mello907@gmail.com

Doutoranda em Administração na UFRGS, Mestre em Administração (UEL) e Psicóloga pela (UEL). Possui interesse no diálogo entre os Estudos Organizacionais e a Psicanálise.

Resumo

Pensar a relação entre o trabalho e a subjetividade em nossos tempos requer refletir primeiramente sobre a cultura, aqui em referência ao contexto sócio-histórico em que estamos inseridos. É inegável que estamos em um momento histórico bastante singular, o avanço da tecnologia, as diversas transformações observadas nas configurações sociais e familiares e os avanços do capitalismo sobre a subjetividade dão o tom da trama complexa em que estamos diante. Este é um trabalho em construção, que tem como objetivo fazer uma crítica, a partir da visão psicanalítica, às vertentes técnicas da psicologia utilizadas, principalmente, no campo do trabalho. A partir desses elementos encontrados de forma recorrente no imaginário da sociedade atual, objetiva-se pensar as ressonâncias na subjetividade mediante os sintomas sociais que se sobressaem. O enfoque metodológico adotado no trabalho é o psicanalítico, pois compreende-se que este não se realiza somente na clínica, mas também pode ser estendido a cultura, mediante a escuta do inconsciente no social.

Do contrário, se uma dor forte não calar de pronto as pessoas, uma escuta mais da poderosa melodia do fundo a outra menos. Muitas nem sequer a escutam mais. São como árvores que esqueceram suas raízes e então acham que o rumorejar de seus galhos é sua força e sua vida. Algumas pessoas não têm tempo de ouvi-las. Não toleram nenhuma hora ao seu redor. São pobres apátridas que perderam o sentido da existência. Batem as teclas dos dias e tocam sempre o mesmo tom monótono e perdido.

Rainer Maria Rilke

Introdução

A leitura desse trecho de “A melodia das coisas” de Rilke despertou-me algumas reflexões e inquietações sobre o que denomino aqui, o ritmo de nosso tempo, compreendido como a forma com que nossa sociedade se configura na atualidade. A princípio, questionamentos sobre a aparente apatia dos sujeitos, a falta de contestação do contexto sócio-histórico em que estão inseridos, o anestesiamiento propiciado pela dominância da medicalização e do saber médico sobre as diversas áreas da vida das pessoas, as queixas de esgotamento, de vazio, tão corriqueiras no cotidiano da clínica e das relações sociais, além do aumento nos diagnósticos de doenças como depressão e ansiedade.

Assim como Freud o fez, é preciso buscar auxílio nos diferentes domínios do conhecimento para pensar a cultura. Artes, filosofia, história, sociologia e psicossociologia são apenas os que mais diretamente me acompanham no percurso que aqui percorro. Inspirada também no pai da psicanálise, não procuro com este ensaio encontrar uma verdade absoluta, sendo por isso, necessário trabalhar com a provisoriedade dos conceitos, perseguir os indícios e as lacunas de forma que uma melodia textual possa ser orquestrada, sem com isso ser exaustiva.

Ao buscar compreender a relação entre a subjetividade na contemporaneidade e as correntes como a psicologia positiva na atualidade, entendemos, assim como Freud nos ensinou, que trabalhar com psicanálise é adotar a provisoriedade como companheira, além de não deixarmos nos abater com a tal transitoriedade, principalmente no que se refere a construção de uma pesquisa. É compreender que as relações não são causais e sim influenciadas por diversas instâncias que nos regem enquanto sujeitos, é considerar

que “não somos senhores em nossa própria casa”. Ainda é preciso levar em conta a configuração do mundo social no determinado contexto sócio-histórico em que se situa nossa indagação.

Ao tomar a psicanálise como norteadora de nosso trabalho, pensamos que é preciso defender que a entendemos aqui como uma psicanálise extramuros ou psicanálise em extensão. Assim, caminhamos com autores que partem da obra Freudiana para pensar o campo da análise organizacional, além de termos em Freud a referência maior, principalmente nos textos em que se ocupa da cultura, de forma que pudéssemos trazer à tona a atualidade do pensamento freudiano.

Subjetividade, Organizações e Técnicas de Gestão de Si Na Contemporaneidade: Psicologia Positiva no Divã

Os sintomas expressos em determinada época podem indicar fenômenos subterrâneos como correlatos. Em contrapartida a uma explicação biologicista e neurológica, a histeria foi escutada por Freud como uma expressão do sofrimento de sua época. Assim pode-se iniciar questionando: o que a escuta atenta dos sintomas sociais na atualidade pode nos indicar? Trata-se nesse sentido, de perseguir os diversos indícios que podem falar sobre o mal-estar¹ na atualidade e as novas formas de subjetivação que lhe são desdobrados.

Os dados são necessários e, ao mesmo tempo, alarmantes. Dados da Organização Mundial da Saúde (OMS) apontam que, de 2005 a 2015, os casos de depressão aumentaram 18%, com isso, estima-se que há 322 milhões de pessoas com a doença no mundo. Em paralelo a esse movimento, os rendimentos com medicamentos específicos para o cérebro ficam em primeiro lugar no *ranking* da indústria farmacêutica, somando 14% dos lucros (INTERFARMA, 2017).

¹ Conceito psicanalítico desenvolvido por Freud de forma aprofundada em “O mal-estar na cultura”, em 1930. Neste texto Freud delineia o mal-estar na modernidade como correlato da situação do sujeito. “Isso porque o sujeito foi esboçado como necessariamente histórico, não obstante a sua condição pulsional de base. Seriam os destinos psíquicos das pulsões, delineados na relação destas com outros e com os dispositivos sociais, que constituiriam tanto o sujeito quanto o mal-estar correlato” (BIRMAN, 2012, p. 56).

Apesar de necessários, os dados aqui não irão falar por si, até porque, na contramão da quantificação, cresce também um movimento que procura refletir sobre o que para alguns autores, é chamado de patologização da vida. Assim, o primeiro rastro que começamos a nos dedicar trata-se da massiva expressão de patologias ligadas à depressão e a ansiedade. Se a culpa era preponderante na melancolia, atualmente as queixas se relacionam a uma espécie de vazio, apatia e uma vida que parece correr quase que no automático (BIRMAN, 2012).

Com o surgimento e constantes reatualizações das versões do Manual de Diagnósticos Mentais (DSM), tentou-se enquadrar, tanto quanto possível, os diagnósticos de vários tipos de doença. Aqui reside uma das justificações para a expansão dos diagnósticos. No entanto, alguns autores questionam se as diversas patologias não indicam uma sociedade doente, que repercute e suprime os sujeitos, que por vezes, não encontram outra forma de se opor aos imperativos que lhe são impostos (CANAVÊZ e SILVA, 2017; HENRIQUEZ, 2002).

O discurso médico é hoje preponderante no imaginário social, que perdura como modo dominante nas ações, que devem ser voltadas a total apreensão de uma boa saúde física: prática de exercícios físicos, mas não somente isto, atualmente deve-se dedicar a um esporte que goste, alimentação saudável, dormir suficientemente, é preciso evitar tudo aquilo que possa fazer mal ao nosso templo sagrado – o corpo (HAN, 2017b). É preciso realizar atividades de lazer, encontrar algum hobby que possa trazer felicidade aos sujeitos. Aqui reside outra queixa comum, qual seja: a impossibilidade de atender a todos os imperativos dos discursos do mundo contemporâneo.

Ao trazer para o mundo do trabalho o que se encontra é a “flexibilização ao extremo da forma de ser de si próprios para se adaptarem às flutuações do mercado” (BIRMAN, 2012, p.122). Nesse sentido, é necessário administrar bem todas as áreas da vida, e no âmbito do trabalho este discurso tem sido avassalador. Os enunciados que se impõem se ligam a formas mais humanas de trabalhos, novas formas de fazer negócios, empoderamento dos trabalhadores, flexibilização para maior autonomia e a tão famigerada liberdade. O avanço da tecnologia, as diversas transformações observadas nas configurações institucionais e familiares e os avanços do capitalismo sobre a subjetividade dão o tom da trama complexa em que estamos diante.

Birman (2012) ao analisar o sujeito na contemporaneidade, traça algumas coordenadas sobre as transformações no campo da subjetividade. Além disso, situa como o discurso psicanalítico passou a fazer parte do campo de análise da constituição da

subjetividade. Freud em “A interpretação dos sonhos” (2012) inaugura uma forma de pensar ligada ao sonho como realização do desejo, experiência pela qual os sujeitos poderiam passar de uma experiência passiva para ativa, como uma forma de apropriação psíquica de questões que permeiam suas vidas. Implica-se aqui uma dimensão temporal, o tempo na psicanálise não se restringe a ordem passado, presente e futuro, estes podem se reconfigurar quando o sujeito os elabora, podendo se transformar e se posicionar frente seu passado.

Em 1914 a psicanálise já se ocupava de pensar questões como as transformações da experiência onírica: o sonho cede espaço para o pesadelo. O pesadelo diferentemente do sonho, impede a simbolização em virtude da imposição de uma imagem traumática, evidenciando a presença de desprazer no sonho. Isto abriu caminho para a compreensão freudiana de predominância da dor a expensas do desejo, através da compulsão a repetição no psiquismo, em face da recordação e simbolização. A biologização do sonho ganhou força, assim como têm-se o início da dominância do que hoje se conhece na área médica como o diagnóstico por imagem. Em paralelo entra em cena na passagem do século XVIII para o XIX o fenômeno da medicalização no ocidente (BIRMAN, 2012).

Em virtude da predominância da explosão de imagens as quais o sujeito é impelido, emerge o que Birman (2012) defende como a dominância da categoria espaço em detrimento do tempo. É comum que as queixas atuais tratem de uma sensação em que “não se têm tempo suficiente para fazer tudo que se precisa”, ou uma espécie de vertigem que se deve a uma sociedade que vive acelerada. Assim, uma sociedade com dificuldade de sonhar evidencia uma característica peculiar da condição da subjetividade na atualidade, uma mudança nos processos de tempo na experiência psíquica.

Se a imaginação inscrita no registro psíquico é condição para que o sujeito possa desejar, é necessário que o tempo possa fazer parte do processo, de forma que o sujeito possa simbolizar, antecipar e se proteger no psiquismo, se o sujeito não realiza esta operação, impõem-se a angústia do real, advindo uma sensação de desamparo (BIRMAN, 2012).

O desejo como motor para novas possibilidades de viver e ser também se empobrece com a falta de imaginação e elaboração psíquica. O pensamento fica submetido ao imperativo da ação rápida e quase que imediata. Frente as demandas do mundo contemporâneo, o sujeito parece estar engolido e suprimido ao que se coloca no presente, sem que possa esboçar reação e questionamento (BIRMAN, 2012).

A condução da subjetividade na modernidade² foi atravessada pelo mal-estar engendrado pelas proibições e interdições sociais, analisados por Freud (2018; 2010; 2006; 1993) durante grande parte de sua obra. O desenvolvimento da racionalidade científica – a qual mesmo Freud até certo ponto depositou algumas fichas, mas depois desacreditou –, as guerras e a ética iluminista centrada na felicidade, no culto do eu e do prazer iniciam uma forma de pensar estreitamente ligada ao narcisismo (BIRMAN, 2012). A experiência da alteridade³ entra em derrocada e abre espaço para que o sujeito se volte para si mesmo, devido a experiência psíquica de desamparo conduzida pelos efeitos devastadores por esses impasses imbricados no projeto moderno.

Ao enunciar que a constituição da sociedade contemporânea, em grande medida, se expressa como sociedade do espetáculo, Debord (1997) já conseguiu fazer uma leitura em perspectiva da constituição de novas formas de sociabilidade. Dessa forma é necessário regatar um dos trechos mais importantes de seu livro: “o espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens” (DEBORD, 1997, p.13). Além de se constituir como uma visão de mundo que se objetivou, o espetáculo pode ser compreendido como o projeto e o resultado do modo de produção vigente.

Ao defender que a economia percorre um caminho autônomo Debord (1997) afirma que um sistema econômico baseado no isolamento cria uma produção circular de isolamento-isolamento-técnica-técnica-isolamento. O espetáculo constitui-se assim através de uma “gestão totalitária das condições existência” e uma “enorme positividade, indiscutível e inacessível” (DEBORD, 1997, p. 16 e 20).

As contribuições de Debord (1997) nos ajudam a pensar a inter-relação entre o sistema de produção vigente e os sujeitos, através do incentivo ao consumo e a uma predominância de imagens e aparências. Como o sujeito narcísico, “o espetáculo não deseja percorrer nenhum caminho que não o leve a si mesmo”. Dessa forma, quanto mais o sujeito se reconhecer nessas imagens, mais difícil será de compreender a si e seus próprios desejos, que não são aqueles impostos por dominação das imagens como necessidade.

² Por entender não ser o objeto essencial, opto por não adentrar na discussão modernidade e pós-modernidade. Sobre o assunto ver Birman (2012, p.30).

³ Entendida aqui como respeito ético pela vida e pela morte (BIRMAN, 2012).

Essas mudanças analisadas por Debord (1997) indicam que também no campo da subjetividade houve uma transformação, no que tange à modernidade e a contemporaneidade. Tais transformações podem ser evidenciadas através da escuta do contexto sócio-histórico pertinente e da leitura do mal-estar concernente as relações do sujeito consigo mesmo, de forma a encontrar as coordenadas constitutivas da experiência subjetiva (BIRMAN, 2012, p.55).

Na sociedade atual em que as relações foram transformadas em mercadoria, seu valor se dá por mediação do (ex)positivo, em favor da positividade. O valor expositivo marca outra temporalidade, impedindo que se forme uma tensão narrativa para o sujeito, na sociedade expositiva “cada sujeito é seu próprio objeto propaganda” (HAN, 2017a, 31). Assim questiono: como têm-se dado a constituição subjetiva frente a esse mundo baseado em imagens e predominantemente narcísico?

O sujeito narcísico tem dificuldade de perceber e reconhecer o outro, a alteridade é contraposta pelo excesso de positividade. “O correlato da positividade é o nivelamento e a transformação de tudo em objeto de consumo, assim os sujeitos só conseguem olhar para si mesmos. Na sociedade narcisista a libido é investida primordialmente na própria subjetividade” (HAN, 2017b, p. 9).

A erosão do Outro se apresenta também como desdobramento do imperativo de desempenho. Diferencia-se da sociedade da disciplina, que se apresenta através do dever, da sociedade do desempenho estruturada no verbo modal poder. Dessa forma, por trás da aparente liberdade do indivíduo singular, o regime neoliberal esconde uma estrutura coercitiva; a partir daí o indivíduo passa a não mais compreender a si mesmo como sujeito submisso (*subject to*) mas como projeto lançado” (HAN, 2017b, p. 24). A responsabilização pela possibilidade de fracasso é atribuída exclusivamente ao sujeito, que deve gerenciar a si mesmo.

Com a responsabilidade toda para si, a sociedade do desempenho não permite a desculpa e gratificação, porque essas só podem ocorrer por intermédio de um Outro. Contrapondo-se a Benjamim (1921/2013), Han (2017b) defende que o capitalismo não pode ser compreendido como uma religião, visto que a exegese religiosa pressupõe operadores de culpa e desculpa, como nos rituais de confissão ou expiação. O capitalismo se apresenta apenas como inculpador, sem a possibilidade de se redimir, muitas vezes resta aos sujeitos a depressão.

Ao partir do pressuposto de que a alteridade é basilar para determinação do Outro como “determinação essencial”, a agonia de Eros e a erosão do Outro são indícios

importantes para pensarmos a subjetividade na atualidade. “Eros é relação com o outro, verbo modal negativo: não-poder-poder”, ou seja, a negação é constitutiva dessa relação, sem ela não se teria o Outro, que pressupõe a não apreensão por completo (HAN, 2017b).

Entretanto, na sociedade permeada pela positividade o que não é consumível, não pode ser aceito e perde valor comum, como a própria alteridade. A própria dor precisa ser consumível. Birman (2012) apresenta essa transformação de outra forma, o sofrimento teria se transformado prioritariamente em dor. Com a predominância de um mundo povoado por imagens e descargas excessivas ao sujeito, que não vê possibilidade de se adiantar frente a imposições que lhe são feitas, a dor se manifesta. A principal característica da dor é sua manifestação corporal e com grande intensidade, na qual a subjetividade se fecha em si mesma. O sofrimento, ao contrário, pressupõe a alteridade e uma narrativa temporal de compartilhamento, tal como pressupõe o modelo psicanalítico, no qual o sujeito pode demandar o cuidado do outro, através da inscrição na transferência.

O sujeito narcísico da atualidade desconfia constantemente do Outro, do qual rivaliza, pois se tornou vergonhoso solicitar ajuda a outros e assim mostrar falhas. “Na cultura do narcisismo triunfante, as insuficiências não podem jamais existir e ser exibidas, já que essas desqualificam a subjetividade, que deve ser, antes de tudo, autossuficiente” (BIRMAN, 2012, p.141). Dessa forma, ocupados por tamanha dor, os sujeitos ficam presos aos auxílios que suprimem essa dor, de tal forma que o remédio que age na dor sem mediadores se tornou quase que a única saída visualizada pelos sujeitos. “Entregue ao seu solipsismo, o sujeito definha em sua autossuficiência que o paralisa” (BIRMAN, 2012, p.144).

Na atualidade também o amor é domesticado em consumo, a vulnerabilidade presente no estado de amor que exerceria o papel da negatividade, passa a buscar o outro apenas como confirmação de si mesmo, evita-se qualquer negatividade nesse processo. O mero viver se torna categoria central, caracterizado pela agonia de Eros. A fantasia e a imaginação perdem espaço para a exposição e o excesso de informação (HAN, 2017b).

O único espaço em que a imaginação se encontra, é no desejo por mercadorias e imagens, através da força exercida pela cultura midiática e do mercado de bens de consumo. Com o excesso de informações, não há espaço para a imaginação do outro, por isso a pornografia por exemplo, vem crescendo cada vez mais, ela fortalece o processo de narcisificação do eu, reproduzindo o mero viver. Em contrapartida, o amor como lugar de des-narcisificação que poderia provocar uma ruptura do igual, agoniza ao lado dos sujeitos (HAN, 2017b).

Com a imaginação empobrecida, os sujeitos se lançam ao campo da ação, mas esse quadro produz tamanha intensidade ao psiquismo que se avolumam e impossibilitam a simbolização. Também há uma derrocada do pensamento e da linguagem, que passaram a retórica instrumental e de dados. O caráter metafórico da linguagem se perde e passa ser permeado também por imagens (BIRMAN, 2012).

O excesso que marca as subjetividades contemporâneas está ligado a anulação da ordem do pensamento:

Tudo se passa como se a incidência do excesso sobre tais registros do psiquismo produzisse um ataque e um curto-circuito no registro do pensamento, que não pode, assim, funcionar devidamente. O pensamento se paralisa pela própria impotência e pelo vazio que passa a ocupar o campo psíquico. Além disso, no mal-estar atual, o modelo conflitual da subjetividade, tal como foi delineado no discurso freudiano, tende ao desaparecimento. Isso porque teria no pensamento um polo ativo, capaz de superar o mal-estar produzido pela própria conflitualidade. Com isso, as pessoas se queixam de algo que as incomoda no corpo e que são tomadas por intensidades que as esvaziam, mas de maneira passiva e não implicada no que lhes acontece. Tudo se passa como se o que lhes ocorresse fossem coisas estranhas a elas mesmas, que não poderiam ter qualquer acesso ao que lhes acontece (BIRMAN, 2012, p. 132).

Esse excesso e vazio podem estar relacionados ao que Han (2017b) se refere como pensamento sem Eros, que tem em seu cerne a ausência de negatividade, tornando-se meramente repetitivo e aditivo. Birman (2012) caracteriza a subjetividade na atualidade como uma “suspensão do pensamento”. Isto permite questionar: encontramos aqui uma certa supressão dos sujeitos?

Habermas (1982) ao fazer uma crítica ao positivismo antigo defende que ao longo da história, a ciência passou a dominar as explicações para os fenômenos sociais, assim a filosofia perdeu espaço. Isto reflete no desenvolvimento de teorias com interesse estritamente técnico, ao privilegiar o agir instrumental.

Estas teorias baseadas no positivismo, ao se apresentarem como referência para a prática científica colaboraram para substituir o problema do conhecimento na ciência, pelo método. Habermas (1982) indica com essas elaborações as bases da supressão do sujeito do conhecimento na ciência. Entretanto, mesmo ao ser aparentemente negado, o sujeito não pode ser apagado, por isso enfatizo o termo “supressão” e não “apagamento”.

Minha hipótese é que, na atualidade, observa-se o predomínio de teorias e técnicas que se subscrevem e privilegiam o interesse técnico, a ausência de negatividade, de reflexão e a supressão dos sujeitos. Entendendo que as teorias não podem ser

compreendidas fora do contexto sócio-histórico que lhe são pertinentes, assim passei a olhar atentamente para o nosso tempo, em busca de teorias que pudessem expressar as características que acima cito.

Ao me familiarizar com diversos tipos de literatura que pudessem contribuir para pensar a temática, encontrei a hipótese de que vem se configurando na sociedade contemporânea, um mercado de bens em saúde mental, conhecido tanto na área médica/psiquiátrica, quanto no campo da psicologia. São vertentes que aparentemente são porosas aos imperativos empenhados pela sociedade do desempenho e a supressão da subjetividade. Os discursos dessas abordagens se apresentam, principalmente pela maximização pessoal para que o sujeito se torne mais produtivo (BENELLI, 2009).

Benelli (2009) propõe que existe um arquipélago de técnicas compondo um mercado de bens de saúde mental, cujas primeiras expressões surgiram em 1960, mas ganharam corpo a partir de 1970. Práticas e técnicas baseadas nessas abordagens psicológicas estão sendo atualizadas e cada vez mais utilizadas, porque, em geral, elaboram diagnósticos e enquadramentos de forma rápida e envolvem o que se poderia intitular de programação da eficiência no âmbito pessoal e do trabalho. Dessa forma, o objetivo não é generalizar essas vertentes, como se todas tivessem as mesmas origens e graus semelhantes de rigor teórico. Entretanto, há algumas características comuns entre elas, com destaque para o que talvez pudesse ser descrito como a “melhoria contínua de diversos aspectos da vida dos indivíduos” ou uma “melhor gestão de si” (DARDOT; LAVAL, 2016).

Algumas das soluções que se têm propagado podem ser representadas pela Análise Transacional (BERNE, 1974), a Programação Neurolinguística (BANDLER; GRINDER, 1977), a Filosofia Clínica (MARINOFF, 1999; PACKTER, 1997), a Eneagrama (CUNHA; CARLOS, 1997) e, com grande repercussão na atualidade, a Psicologia Positiva (SELIGMAN, 2011), que parecem fazer parte de um mesmo corpo de abordagens, que em síntese, visariam ao “desenvolvimento das potencialidades humanas”.

Nesse arcabouço também se encontra o *coaching*, cujo surgimento e definição são um pouco imprecisos, embora pareça ter sua origem ligada à profissão de treinadores esportistas. Sendo assim, é conhecido por ser uma técnica de treinamento e desenvolvimento pessoal e profissional. Atualmente, as atividades relativas ao *coaching* podem abranger todos os âmbitos da vida, seja pessoal, seja profissional. Têm-se *coach* de estudos, de estratégias de carreira e formação de redes profissionais, de melhoria de

desempenho profissional, de relacionamentos amorosos, enfim, das mais variadas propostas (FERREIRA, 2008).

Destas abordagens, a psicologia positiva é a que mais tem se disseminado, núcleos e associações têm sido criados e seus pressupostos ampliados para várias áreas de estudo, assim tem-se o nome do campo seguido pelo adjetivo positivo, por exemplo: educação positiva, organizações positivas, capital psicológico positivo. A psicologia positiva tem seu surgimento recente, por volta dos anos 2000, embora algumas objeções têm sido feitas quanto a sua originalidade (PACICO e BASTIANELLO, 2014).

A psicologia positiva surge em um contexto de transformações no mundo, como que pega carona nestas mudanças para estipular uma crítica superficial a psicologia e se posiciona como uma espécie de “salvadora” e “bondosa” vertente para pensar um suposto lado esquecido dos sujeitos: “o lado positivo”. A crítica desenvolvida por seus disseminadores defende que a psicologia no geral apenas se ocuparia de patologizar e pensar o lado negativo dos sujeitos. Assim questiono: como se dá a formação subjetiva frente à sua negação sistemática por meio de práticas de disciplina mental (técnicas?).

O desenvolvimento pessoal e a busca da positividade, empenhada por essas abordagens, parecem apontar para um indício de ausência de negatividade na atualidade.

Mesmo que pareçam diferentes um do outro, eles têm propriedades que se referem ao panorama descrito acima. Neste artigo, optou-se por desenvolver a psicologia positiva, um movimento muito recente e controverso que, por meio de uma visão supostamente mais positiva dos problemas dos sujeitos, vem ganhando cada vez mais adeptos. A psicologia positiva surgiu oficialmente em 1998, nos Estados Unidos, com o desenvolvimento de algumas pesquisas que visavam transformar o que consideravam uma visão dominante pessimista no campo da psicologia. Martin Seligman é considerado fundador e principal expoente. Ele desenvolveu suas primeiras pesquisas como presidente da Associação Americana de Psicologia.

Seligman (2000) propõe que a psicologia positiva pode ser entendida, em primeiro lugar, por sua contraposição à psicologia da anormalidade e patologização, e a ancora em alguns princípios básicos: experiência subjetiva; características individuais - forças e virtudes pessoais; instituições e comunidades. O primeiro grupo é composto por estudos relacionados às experiências positivas que o indivíduo teve, emoções do presente e otimismo sobre o futuro. O segundo, tem uma preocupação com a composição e capacidades pessoais que o indivíduo possui e como as utiliza em determinadas situações. Finalmente, no terceiro grupo, há estudos de comunidade sobre bem-estar e virtudes

necessárias para viver em grupos sociais. O objetivo da psicologia positiva é o bem-estar, que pode ser alcançado pelo desenvolvimento das potencialidades positivas das pessoas (PALUDO; KOLLER, 2007).

O processo que atravessa os eixos centrais da psicologia positiva é a resiliência, que pressupõe a superação de crises e adversidades que podem perturbar indivíduos, grupos ou organizações. Considera-se que a resiliência é um caminho a ser percorrido evolutivamente e faz parte da busca de uma vida positiva, que converta os traumas e adversidades em crescimento contínuo e sentimentos positivos, explorando suas forças em vez de apenas explorar as fragilidades (YUNES, 2003). A psicologia positiva está ancorada principalmente em estudos quantitativos empíricos, bem como em exercícios práticos que teriam o potencial de aumentar o bem-estar e reduzir os sintomas negativos, como os relacionados à depressão e ao sofrimento. Exemplos incluem escrever cartas de agradecimento, identificar "bênçãos" na vida diária e pontos positivos na vida pessoal (SELIGMAN, 2011).

A visão proposta pela psicologia positiva ganhou força como base para o coaching pessoal, seja no mundo organizacional ou na pesquisa acadêmica. A princípio, parece ser um movimento interessante, que visa buscar tudo o que é melhor, mas, ao analisar de perto o fenômeno, fica evidente uma característica presente no imaginário social e organizacional, ou seja, o excesso de positividade e a rejeição de toda negatividade, o que contribui para os "efeitos colaterais", como a epidemia de doenças como depressão, ansiedade e apatia (HAN, 2017). Assim, a crítica feita pela psicologia positiva em relação aos outros aspectos da psicologia é superficial e carregada de problemas teóricos e empíricos, que merecem aprofundamento em trabalhos posteriores.

Assim, têm-se dois lados de uma mesma moeda: o crescimento ostensivo do diagnóstico de doenças psíquicas e da medicalização; e o desenvolvimento de diversas teorias que objetivam estudar e aprimorar o "lado positivo" do ser humano. No final, tudo parece apontar para um quadro em que todos precisam se tratar para se tornarem mais produtivos com a ajuda dessas diferentes modalidades e técnicas psicológicas. Não há espaço para a reflexão; os sujeitos buscam se encaixar em algum perfil, seja de doença, de personalidade, de tipos psicológicos, seja de algum tipo de programação de vida oferecido por essas vertentes.

Estas técnicas encontram um campo fértil para se proliferarem nas organizações na atualidade, que passaram o lugar de santuário da busca por produtividade e do melhor desempenho para os próprios trabalhadores. As organizações hodiernas refletem e são

porosas ao período histórico-social em que estão inseridas e se tornam uma via importante de reprodução dos diversos imperativos presentes no imaginário social (FREITAS, 1999; ENRIQUEZ, 1997).

De acordo com Enriquez (2002) as organizações sempre consideraram a vida psíquica dos indivíduos, mesmo em épocas em que o ser humano era visto quase como uma máquina, lhe era proposta uma imagem organizacional a ser interiorizada. Nos diferentes contextos históricos, a representação que as organizações fazem delas mesmas é diversa. Enriquez (1997, p. 37) argumenta que

Em todas as épocas as organizações têm atuado como sistemas culturais, simbólicos e imaginários. Elas sempre afirmaram determinados valores, trataram de dar sentido à ação de seus membros, sendo sempre o lugar de projeção de fantasmas individuais e coletivos e sempre tentaram colher as pessoas nas malhas do imaginário que elas propõem.

O campo organizacional abriga técnicas com diversos tipos de abordagens, mas que tem em comum um discurso de neutralidade e racionalidade, que se impõem através do imperativo de autoperfeiçoamento incessante. A empresa hipermoderna se caracteriza por níveis de controle que extrapolam a estrutura tradicional de organização, ao se internacionalizarem passam a operar através de técnicas de controle mais refinadas, permitindo aos diversos setores gerenciais estenderem seu alcance (PAGÈS et al, 2006; GAULEJAC, 2007).

De mãos dadas com a sociedade narcísica, o investimento psíquico realizado pelos sujeitos acaba por atuar como um reforço ao narcisismo, corroborando ao que Han (2017b) propõe como o fechamento da subjetividade em si mesma, investindo-se de libido. GAULEJAC (2007) defende que há uma espécie de confusão entre a onipotência narcísica e o anseio por ser reconhecido, isto ocorre porque o discurso das organizações vai de encontro a estas fantasias dos sujeitos, assim como o imaginário social reforça essa busca por desenvolvimento pessoal.

O verbo modal predominante na gestão atual pode ser descrito pelo verbo “poder” se contrapondo ao “dever”. Essa mudança é significativa, pois a responsabilidade é lançada apenas para o próprio sujeito, que convive com o paradoxo do esgotamento e adoecimento psíquico e a culpa por supostamente ser livre e poder atuar da forma que achar conveniente. Entretanto, o que se tem como resultado uma experiência de desamparo, ligada a sensação de impotência e cansaço (HAN, 2017c; GAULEJAC, 2007).

Gaulejac (2007, p.135) recorda, porém que embora a pressão exercida por esse modelo de gestão e social seja perturbador, os sujeitos não aderem totalmente as regras. Mesmo que sejam estimulados “a vestir a camisa da empresa” ou seja, além de se doar totalmente, gerir a si mesmos como uma empresa, “a adesão total é como que uma fachada”. Assim é entristecedor reconhecer que, por vezes, a saída encontrada pelos sujeitos é o adoecimento.

Em suma, os sujeitos imersos nestas narrativas parecem soterrados, uniformizados e como que descolados de seu próprio tempo. Se nas análises Freudianas de sua época emergem o conflito e as restrições, nos deparamos com o excesso e com a positividade (HAN, 2017; BIRMAN, 2012). Ao se guiar por soluções simplistas e imediatas, focadas em tudo o que é positivo, na busca constante de felicidade, de alcançar o máximo de potencial e encontrar o "melhor" de tudo, a sociedade parece refletir em sujeitos cansados, depressivos e ansiosos. Este panorama é visualizado principalmente nas organizações e no mundo do trabalho, que através de mecanismos mais sutis vem penetrando cada vez mais na subjetividade dos sujeitos (DARDOT e LAVAL, 2017).

Assim acredito que é possível pensar no âmbito organizacional, nas técnicas de gestão e em vertentes como a da psicologia positiva como partes dominantes na constituição dissonante da subjetividade na atualidade, visto que os pressupostos da psicologia têm sido disseminados largamente no campo das organizações, treinamentos e no discurso cotidiano das organizações.

Breves Considerações Finais: Ainda em Transitoriedade...

Ao resgatar a análise de HAN (2017, p.24) sobre o excesso de positividade na atualidade. O autor ressalta que a sociedade passa de uma sociedade disciplinar (ainda com muita negatividade), para uma sociedade de atuação (com excesso de positividade) e produtividade, "empresários de si", substituindo a obediência às normas, por projeto, iniciativa e motivação. O discurso da psicologia positiva parece convergir com essa análise, tendo sido utilizada em parceria com o coaching nas organizações como forma de extrair o máximo de desempenho dos funcionários, planejar cada detalhe de suas vidas, adaptar e normalizar eles em suas funções.

Han (2017) ilustra esse cenário quando utiliza a metáfora da sociedade de doping: "performance sem performance", para alertar sobre a supressão de tudo o que é negativo na vida dos sujeitos. Há um cansaço ligado ao imperativo: "não pare!", uma forma

positiva de inspiração que engana os indivíduos sobre sua própria dinâmica psíquica. Essa fadiga atinge um nível onde há um desequilíbrio nos processos de identificação, onde tudo é volátil, com delimitações imprecisas e indistintas (HAN, 2017). O exemplo da psicologia positiva parece ilustrar este processo cirurgicamente.

Desta forma, a abordagem psicanalítica é preponderante para questão a ser estudada, assim como para o estudo das organizações e da sociedade, quanto a relação entre a subjetividade e organizações. Essa relação de mão dupla pode continuar sendo frutífera, principalmente ao levar em conta que sujeito e organização se influenciam mutuamente. Assim como, parece haver um panorama crítico em nossa sociedade, que somente a partir de uma análise multidisciplinar pode ser compreendido e problematizado. Entretanto, não se trata de banalizar os conceitos psicanalíticos de forma descontextualizada, assim é preciso se aprofundar nos conceitos e abordagens.

Embora o panorama que aqui defendo se apresente como extremamente crítico e gerador de subjetividades dissonantes, este modelo não é total. É preciso pensar em lacunas pelas quais os sujeitos possam emergir e conseguir ouvir a melodia. O desejo como motor de transformações pode encontrar saídas, mesmo em um mundo social que atua como inculcador dos sujeitos. Quem sabe possamos pensar uma resposta desestruturante como a de Melville⁴ com seu Bartelby, atuarmos de forma a fazer furos no sistema e recusar os clichês que nos são impostos *prêt-à-porter*.

Se Freud já apontou em “O mal-estar na cultura” (2010) que a felicidade é sempre o desejo do ser humano e em paralelo com sua entrada na cultura têm-se um sofrimento que lhe é constitutivo, cabe questionar o mal-estar na atualidade e também as formas em que este mal-estar tenta ser apagado, de forma que os clichês se imponham e acabam por se estabelecer como única saída aos sujeitos. É preciso perseguir os rastros, as lacunas e a partir delas pegar o fio condutor da narrativa histórica e a partir de aí aprofundar a reflexão destes modelos e técnicas de gestão e como fazem parte da trama que molda a subjetividade na atualidade. Melhor gestão de si através de técnicas? *I would prefer not to!*

Referências

BANDLER, Richard; GRINDER, John. **A estrutura da magia**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1977.

⁴ MELVILLE, Herman. **Bartelby, o escrivão**- uma história de wall street. Editora: Ubu, 2017.

PACICO, J. C; BASTIANELLO, Micheline Roat. In Claudio. S. Hutz (Org.). **Avaliação em psicologia positiva**. Porto Alegre: Artmed. p. 101-110, 2014.

BENELLI, José. A cultura psicológica no mercado de bens de saúde mental contemporâneo. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 24, p. 515-536, 2009.

BENJAMIN, Walter. O capitalismo como religião. In: LÖWY, Michael. **O capitalismo como religião**. São Paulo: Boitempo, 2013. (Original de 1921)

BERNE, Eric. **Os jogos da vida**: a psicologia transacional e o relacionamento entre as pessoas. Rio de Janeiro: Artenova, 1974.

BIRMAN, Joel. **O sujeito na contemporaneidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

CUNHA, Domingos; CARLOS, Luís. **Quem é você**: construindo a pessoa à luz do eneagrama. São Paulo: Paulus, 1997.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo** – Ensaio sobre a Sociedade Neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

ENRIQUEZ, Eugène. **A organização em análise**. São Paulo: Vozes, 1997.

_____. Vida psíquica e organização. In: MOTTA, Fernando. C. P.; FREITAS, Maria Ester (Org.). **Vida psíquica e organização**. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

FREITAS, Maria Ester de. **Cultura Organizacional**: identidade, sedução e carisma? Rio de Janeiro: FGV, 1999.

FREUD, Sigmund. **O futuro de uma ilusão**. Porto Alegre: L&PM, 2018.

_____. **A interpretação dos sonhos**. Porto Alegre: L&PM, 2012.

_____. **O mal-estar na cultura**. Porto Alegre: L&PM, 2010.

_____. **Moral Sexual ‘Civilizada’ e Doença Nervosa Moderna**. In: S. Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. 9, p. 169-186). Rio de Janeiro:: Imago, 2006. (Original publicado em 1908).

FREUD, Sigmund. **Tres ensayos de teoria sexual. Buenos Aires**: Amorrortu, 1993. In: Obras Completas em Espanhol de Sigmund Freud. Vol. 5, parte 2. Buenos Aires: Amorrortu, 1993.

GAULEJAC, Vincent. **Gestão como doença social**. Aparecida, São Paulo: Ideias e Letras, 2007.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade da transparência**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2017a.

_____. **Agonia do Eros**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2017b.

_____. **A sociedade do cansaço**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2017c.

HENRIQUES, Rogério Paes. A Medicalização da existência e o descentramento do sujeito na atualidade. **Rev. Mal-Estar e Subjetividade**, Fortaleza, v.12(34), 793-816, 2012.

INTERFARMA. **Dados do setor**. Disponível em: <<https://www.interfarma.org.br/guia/guia-2017/dados-do-setor/>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

SILVA, Laís Machado; CANAVÊZ, Fernanda. Medicalização da vida e suas implicações para a clínica psicológica contemporânea. **Rev.. Subjetividades**, Fortaleza, v.17(3): 117-129, 2017.